



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Mesmo com alta no preço, leite segue pressionado

Produtores voltam a cobrir custos, enquanto indústria e varejo monitoram importações, clima e consumo das famílias

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A cadeia leiteira voltou a registrar recuperação de preços em 2026 após um período de forte desvalorização e perda de rentabilidade para produtores e indústrias. O movimento, percebido tanto no campo quanto no varejo, ocorre em meio a uma combinação de demanda mais aquecida, desaceleração da produção e preocupação crescente com custos e importações.

O preço de referência projetado pelo Conseleite RS passou de R\$ 2,01 por litro em dezembro de 2025 para R\$ 2,53 em abril deste ano, uma alta próxima de 25,5% no período. No atacado, o leite UHT no Rio Grande do Sul também registrou valorização relevante. Levantamento do Cepea mostra que o litro passou de R\$ 3,02 em janeiro para R\$ 4,14 em março de 2026. Apesar da recuperação, o valor ainda ficou abaixo dos R\$ 4,36 registrados em março de 2025.

Levantamento realizado pelo Jornal do Comércio em quatro supermercados de Porto Alegre em 8 de março encontrou o litro do mesmo leite UHT integral entre R\$ 4,95 e R\$ 5,49. Sócio da MilkPoint, plataforma nacional

de inteligência e análise da cadeia leiteira, Valter Galan afirma que o mercado vive atualmente um cenário de demanda aquecida e produção desacelerando, o que ajuda a explicar a alta recente dos preços. Segundo ele, os lácteos começaram o ano mais baratos no varejo em relação a 2025, estimulando o consumo das famílias.

“A demanda está crescendo e a produção está desacelerando. Então, por isso, houve uma subida forte de preços nesse começo de ano”, afirma. De acordo com Galan, as vendas da cesta de lácteos cresceram entre 4% e 5% em volume no primeiro trimestre deste ano na comparação com o mesmo período do ano passado. Na avaliação do especialista, a queda de preços observada no segundo semestre de 2025 reduziu fortemente a rentabilidade do produtor e passou a impactar a produção neste ano. “A gente entrou esse ano com uma produção desacelerando em relação ao ano passado”, afirma.

Segundo Galan, o comportamento do segundo semestre deve ser mais próximo ao observado em 2024, quando houve estabilidade ou queda leve nos preços pagos ao produtor, e não das retrações mais fortes registradas em 2023 e 2025. “Talvez tenhamos uma baixa, mas não uma baixa

tão pronunciada como em outros anos”, projeta.

A cautela do setor também está ligada ao avanço das importações de lácteos. Dados compartilhados pelo Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat) mostram que o Brasil importou 96,4 milhões de quilos de lácteos entre janeiro e abril de 2026, acima dos 90,9 milhões registrados no mesmo período do ano passado. Somente em abril, as importações passaram de 19,5 milhões para 25,4 milhões de quilos na comparação anual. Segundo o secretário-executivo do Sindilat RS, Darlan Palharini, a maior entrada de produtos do Mercosul ajuda a limitar uma recuperação mais intensa dos preços no mercado brasileiro.

O dirigente afirma que o setor chegou a registrar promoções de leite UHT abaixo do custo de produção no início do ano, em meio ao excesso de oferta e à dificuldade de exportação dos países vizinhos. “Teve situações no início do ano com promoções de leite até R\$ 1,99”, afirma. Segundo Palharini, as margens seguem apertadas em todos os elos da cadeia, desde o produtor até indústria e varejo.

Nesta semana, o Conseleite RS encaminhou um ofício ao go-



JM ALVARENGA/GADOLANDO/JC
Demanda aquecida e produção em baixa sustentam a valorização

verno federal solicitando medidas emergenciais diante do aumento das importações de lácteos pelo Brasil. O documento foi enviado aos ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, com o objetivo de ampliar o diálogo entre o poder público e a cadeia produtiva do leite. Segundo o coordenador do colegiado, Kaliton Prestes, a principal preocupação do setor é o crescimento das compras de produtos especialmente de Argentina e Uruguai. A entidade defende ações que reduzam os custos de produção no País, fortaleçam a sanidade animal e ampliem as con-

dições de concorrência para produtores e indústrias brasileiras.

Outro fator monitorado pelo mercado é o clima. De acordo com Galan, a possibilidade de formação de um evento El Niño pode trazer impactos para a produção de leite e também para milho e soja, elevando os riscos para os custos de alimentação do rebanho no segundo semestre.

A expectativa da cadeia agora é entender se a recuperação observada em 2026 representa o início de um reequilíbrio mais consistente entre oferta e demanda ou apenas uma recuperação temporária após um período prolongado de desvalorização.

Produção no Rio Grande do Sul ficou mais seletiva após anos de crise

A melhora recente dos preços do leite devolveu parte do fôlego aos produtores gaúchos em 2026, mas não apagou as marcas deixadas por anos de crise climática, endividamento e perda de rentabilidade na atividade. Enquanto o mercado volta a dar sinais de recuperação, a cadeia leiteira gaúcha se tornou mais concentrada, tecnicizada e dependente de escala. No processo, milhares de pequenos produtores abandonaram a atividade. Na prática, especialistas e lideranças do setor avaliam que o leite não necessariamente ficou mais rentável – ficou mais seletivo. Presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang afirma que a melhora recente dos preços ainda está longe de representar tranquilidade financeira para os produtores. Segundo ele, a renda adicional obtida nos últimos meses vem sendo utilizada principalmente para quitar dívidas acumuladas ao longo dos

últimos anos. “Estamos longe de poder guardar (dinheiro), estamos pagando as contas feitas”, afirma.

Tang relata que a cadeia leiteira gaúcha atravessou cerca de cinco anos seguidos de dificuldades climáticas e financeiras, marcadas por estiagens e enchentes que elevaram custos e comprometeram a produção de alimento

para o rebanho. “Teve gente que precisou comprar comida para as vacas, ou então vender parte do plantel para sustentar as demais”, relata.

A atividade leiteira exige trabalho diário intensivo, necessidade constante de mão de obra e investimentos frequentes em alimentação, genética e infraestr-

utura. Nesse contexto, parte dos produtores deixou o setor diante da combinação entre margens apertadas, eventos climáticos extremos, endividamento, dificuldade de sucessão familiar e desgastes operacionais.

Estimativas apontam que o Estado saiu de mais de 80 mil famílias produtoras de leite há cerca de 10 anos para menos de 30 mil atualmente. O movimento reflete uma profunda transformação estrutural da cadeia leiteira gaúcha, cada vez mais concentrada em propriedades maiores, tecnicizadas e com maior escala de produção.

Sócio da MilkPoint, Valter Galan afirma que o setor vive um processo de transformação produtiva e concentração econômica. “Existe uma tendência de redução do número de produtores, porque o produtor maior tende a permanecer no mercado, os produtores menores tendem a ter mais dificuldades”, afirma.

Segundo Galan, produtores

mais capitalizados, eficientes e com maior escala tendem a permanecer na atividade, enquanto propriedades menores enfrentam maior dificuldade. “A crise é para parte dos produtores. Outra parte está consolidando o setor.” De acordo com ele, fatores como produtividade, eficiência operacional e custo de oportunidade da terra passaram a ter peso crescente na permanência do produtor na atividade. “Se o produtor tem a chance de arrendar a terra dele para soja ou para outra cultura que pague uma remuneração interessante, ele se sente atraído a vender as vacas e arrendar a terra”, afirma.

A mudança no perfil da atividade ocorreu mesmo em um cenário de valorização nominal do leite ao longo das últimas décadas, o que reforça a percepção de que o principal desafio da cadeia deixou de ser apenas o preço recebido pelo produtor e passou a envolver escala, eficiência e capacidade de investimento.



MARCOS TANG/DIVULGAÇÃO/JC
Conjuntura e o clima comprometeram desempenho nos tambos